

**Caminhar, apreender, cultivar:
Aspectos da imersão corpórea em exercícios paisagísticos**

SESSÃO TEMÁTICA: Processos formativos sobre a paisagem
CATEGORIA: ARTIGO ACADÊMICO CIENTÍFICO

Autor: Arthur Simões Caetano Cabral / FAAC-UNESP / arthur.cabral@unesp.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é investigar a relevância da experiência estética na formação de paisagens e modos de considerá-la em processos de ensino-aprendizagem em Arquitetura da Paisagem. Em sua amplitude polissêmica, assumimos que a paisagem nos permite apreender pelos sentidos – e não apenas pela visão – valores vinculados à construção do mundo por diferentes culturas em mediação com a natureza da Terra. Colocando em pauta aspectos de uma relação ética implicada no cultivar, as experiências estéticas proporcionadas pela paisagem pressupõem o reconhecimento do real a partir da condição sensível do corpo humano. A possibilidade de relatá-las, a seu tempo, faz tensionar os limites da linguagem. Entre os diversos temas e escalas considerados em disciplinas de paisagismo em escolas de Arquitetura e Urbanismo, podemos reconhecer, como questão central, a realidade sensível das paisagens abordadas, isto é, as qualidades de situações e lugares que excedem a dimensão de dados locais ou objetivos. Buscamos sinalizar a pertinência intrínseca das experiências estéticas em processos formativos sobre a paisagem, cuja amplitude de sentidos reivindica elaborações poéticas. Cumpriria reconhecer na paisagem formas de aprender pelo sentir, praticado, por exemplo, em atividades de campo, caminhadas, desenhos por observação ou coletas botânicas, registros em palavras ou plantios experimentais.

PALAVRAS-CHAVES: paisagem; corpo; linguagem; experiência; poética.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the relevance of aesthetic experience in the formation of landscapes and ways of considering it in teaching-learning processes in Landscape Architecture. In its polysemic scope, we assume that landscapes allow us to apprehend, through the senses – not only through sight – values linked to the construction of the world by different cultures in mediation with the Earth's nature. Bringing to the forefront aspects of an ethical relationship implicated in cultivation, the aesthetic experiences provided by the landscape presuppose the recognition of reality from the sensitive condition of the human body. The possibility of recounting these experiences, in due course, strains the limits of language. Among the various themes and scales considered in landscaping disciplines in schools of Architecture and Urbanism, we can recognize, as a central issue, the sensitive reality of the landscapes addressed, that is, the qualities of situations and places that exceed the dimension of locational or objective data. We seek to highlight the intrinsic relevance of aesthetic experiences in formative processes regarding the landscape, whose breadth of meanings calls for poetic elaborations. It would be pertinent to recognize in the landscape forms of learning through sensing, practiced, for example, in field activities, walks, observational drawings or botanical collections, records in words, or experimental plantings.

KEYWORDS: landscape; body; language; experience; poetic.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Arquitetura da Paisagem pode ser abordado de múltiplas maneiras, o que reflete a pluralidade de interpretações da ideia de paisagem. As questões que se colocam na atualidade



em relação aos modos de vida na Terra e a premência de discuti-los frente às crises contemporâneas confirma o desafio crescente de cotejamento entre perspectivas e conceitos oriundos de diferentes áreas do conhecimento. No contexto brasileiro, a formação em Arquitetura da Paisagem se vê inserida em um ambiente interdisciplinar, delineado por ateliers de projeto, atividades de extensão e grupos de pesquisa integrados a cursos de graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. A profundidade específica dos temas e enfoques que ali se cruzam, por sua vez, desaconselharia qualquer pretensão de contemplá-los em definitivo. De forma mais simples, este texto defende a relevância da experiência estética e de uma reflexão aprofundada sobre os conteúdos dela advindos em processos formativos, notadamente em exercícios de paisagismo.

A diversidade de saberes e habilidades envolvidos na organização e na transformação das paisagens, de um lado, e a complexidade dos desafios ecológicos, sociais e culturais, entre outros que se lhes apresentam, fazem ampliar o campo de abordagens e orientações para o fazer em paisagismo. Diante da necessária tomada de consciência desses desafios, as instituições de ensino superior hoje podem contar com um amplo e qualificado acervo de informações sobre métodos e técnicas, à disposição de professores, pesquisadores e estudantes, de modo cada vez mais acessível e continuamente beneficiado por novas pesquisas sobre o tema, o que deve contribuir para o aprimoramento da elaboração de planos, desenvolvimento de projetos e implementação de obras paisagísticas.

A responsabilidade para com a formação especificamente dirigida aos futuros profissionais dentro de escolas de Arquitetura e Urbanismo é somada, além disso, à necessidade de uma educação nos sentidos mais amplos da paisagem, a ser aferida não apenas pelo desempenho técnico ou eficiência de métodos projetuais frente a demandas contemporâneas, mas que alcance efetivamente a paisagem como um meio vivido, de modo a abordar a fundo as relações estabelecidas entre os seres envolvidos na organização e na transformação de aspectos materiais e espaciais da vida coletiva e em conjunto com o planeta. Trata-se de considerar a relevância de temáticas paisagísticas expressas nos hábitos cotidianos de comunidades urbanas ou rurais, em diálogo com agentes institucionais e diferentes segmentos da sociedade, o que permitiria interrogar à paisagem uma componente epistemológica sobre os modelos de formação (BESSE, 2018b). Analogamente, cumpriria considerar os conteúdos provenientes da experiência corpórea de diferentes situações e realidades como elemento mobilizador de processos de ensino-aprendizagem.

A função social da paisagem, tema do 7º Congresso Internacional de Arquitetura da Paisagem, confirma a pertinência de um questionamento inicial sobre a ideia de paisagem em processos formativos individuais, coletivos e sociais. Se compreendida fundamentalmente como uma experiência, a paisagem não se deixaria apreender como “um círculo fechado, mas como um desdobramento”, recorrendo aos termos do geógrafo Eric Dardel (2015, p. 31). A condição humana implicaria não apenas uma historicidade da existência, mas também uma *geograficidade*¹, feita “na fronteira entre mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito” (DARDEL, 2015, p. 5). A paisagem diria respeito ao porvir do mundo humano, oferecendo-se como aparência aos

¹ Nos termos de Dardel (2015, p. 5), “[...] nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes”.



sentidos. No entanto, por aludir ao mesmo tempo a um não humano, suas revelações seriam inconclusas e guardariam o inacabamento do fazer humano, razão pela qual todo horizonte esconde algo no que a paisagem se recolhe, encobrendo-se. Abertura e fechamento são movimentos mutuamente implicados quando se almeja apreender a paisagem e agir na paisagem, “e se o verbo desvelar diz uma ação, ele diz também cuidar, uma relação ética: desvelo” (BARTALINI, 2019).

Destacam-se disso estímulos não apenas ao pensamento sobre a paisagem, mas também aos processos formativos que lhe correspondem. A paisagem proporciona experiências estéticas especialmente associadas à apreciação dos modos pelos quais o ser humano constrói e habita a Terra. Se retomarmos a noção de *aisthesis*, em seu sentido grego, encontraremos na condição humana uma capacidade sensível de apreender e reordenar os influxos que nos tocam pelo corpo (DUARTE JUNIOR, 2004, p. 136). Compreendendo na dimensão estética da experiência conteúdos significantes, ainda livres de qualquer forma, consagrada ou refutada, este texto investiga contribuições aos modos de aprender com a paisagem advindas da experiência do corpo em diferentes modos de apropriação, frequência e cultivo. Em seguida, salienta-se a pertinência de linguagens poéticas, por diferentes meios de expressão, a fim de enunciar ou aludir à experiência vivenciada em exercícios paisagísticos. Para além de capacitações técnicas consistentes, altamente necessárias, os sentidos da paisagem demandam uma educação do sensível (ALMEIDA; ARAÚJO, 2020), que envolva, a um só tempo, percepção e sensibilidade, e que se mobilize pela pulsão de descobrir novas formas de fazer (*poiesis*).

2 ATMOSFERAS

Em suas reflexões sobre “a paisagem dos bens comuns”, o geógrafo Jean-Marc Besse (2018a, p. 64) reconhece uma dimensão existencial da paisagem associada à coexistência em comum com o planeta, o que nos convidaria a pensá-la não como objeto de contemplação ou transformação, mas como uma dimensão do nosso ser no mundo. Os conceitos de atmosfera ou *stimmung* dos lugares, situados na origem da experiência estética da paisagem (SIMMEL, 2011), seriam correlatos, sob essa perspectiva, à ideia de uma radical expropriação do ser para um meio de coexistência. Em instantes de deslocamento ou extravio do olhar corriqueiro, a paisagem passa a escapar a qualquer intenção de posse, evadindo-se do domínio da propriedade – o que traz à tona um elemento conflituoso entre a vontade de apropriação, representada pelas aspirações da propriedade privada, de um lado, e a fruição paisagística, de outro.

Besse propõe considerar, por exemplo no ar ou no oceano, onde encontraríamos coisas que não pertencem a ninguém, cujo uso é compartilhado por todos. A noção de comum remete a coisas de direito, não apenas de fato, que não podem ser legitimamente apropriadas, por princípio (*res communis*). Seria significativo para o debate sobre a função social da paisagem e seus processos formativos questionar se ela pertence à esfera das coisas de que se pode apossar, ou se a paisagem diria respeito, originariamente, a um *inapropriável*, no sentido daquilo de que não se pode extrair ou dispor indefinidamente, tampouco desvela-se por inteiro, por ser de utilização comum a todos.

Os sentidos éticos apreendidos da paisagem se associam ao reconhecimento da existência humana como um outro ante o estranhamento da natureza da Terra, mas com a condição especial de na paisagem já não reconhecermos mais objetos individualizáveis, senão uma



atmosfera, uma tonalidade afetiva. Se “a abertura do mundo começa no homem justamente com base na percepção de uma não-abertura” (AGAMBEN, 2017, p. 114), as experiências estéticas proporcionadas pela paisagem se veem relacionadas a uma especial relação entre o fazer humano e o meio que habitamos, com os diversos elementos que o compõem.

Embora os reconheçamos, desde sempre, como seres outros em relação a nós, na experiência da paisagem – ou no *estado* de paisagem, segundo os termos do filósofo Giorgio Agamben – cada elemento é desativado em sua individualidade no plano do ser: ao mesmo tempo em que deixamos de reconhecê-los enquanto elementos, passamos a integrar com eles um meio codividido. “Vemo-los, perfeita e limpidamente, como nunca antes; contudo, já não os vemos mais, perdidos – feliz e imemoravelmente perdidos – na paisagem” (AGAMBEN, 2017, p. 115). Ao entrar em estado de paisagem, o que pressupõe um escape do espírito ou um deslocamento do olhar comum, o ser do mundo é tornado inoperoso, ao mesmo tempo em que a condição do ser de quem contempla a paisagem é suspensa e então “não procura mais compreender, apenas olha. Se o mundo era a inoperosidade do ambiente animal, a paisagem é, por assim dizer, inoperosidade da inoperosidade, ser desativado” (AGAMBEN, 2017, p. 115).

É relevante acrescentar que, neste mesmo texto, Agamben reúne três exemplos de inapropriável: o corpo, a língua e a paisagem. A condição inapropriável da língua, a que poderíamos associar diferentes linguagens poéticas, seria evidenciada por aqueles que se incumbem de subvertê-la e torná-la própria: os poetas. Não se pode perseguir essa tarefa sem transgredir convenções do uso prosaico, de modo quase a tornar estrangeira a língua a elaborar. Analogamente, depreendemos que as linguagens se inscrevem no fazer poético segundo critérios estabelecidos num instante de desvio da atenção corriqueira ou devaneio. O filósofo reconhece aí um despojo comum entre a vontade poética de apropriação e a língua, radicalmente inapropriável. Em seus termos,

a apropriação da língua que eles [os poetas] perseguem é, na mesma medida, uma expropriação, de modo que o ato poético se apresenta como gesto bipolar, que cada vez torna estranho aquilo que deve ser pontualmente apropriado (AGAMBEN, 2017, p. 110).

As intencionalidades estritas se desativam quando nos vemos disponíveis à paisagem, ainda que impregnados pelo cotidiano, nos instantes de escape da atenção corriqueira e de um *inumano* que nos habita silenciosamente, “como um hóspede familiar e desconhecido” (LYOTARD, 1990, p. 10). A paisagem não seria apenas a realidade concreta do mundo, em evidência empírica, mas algo que nasce de dentro para fora, ao mesmo tempo. Caberia, ainda, considerar em exercícios paisagísticos, os sentidos éticos de um desvelo especialmente envolvido na existência comum na Terra. Embora hegemonicamente preteridas na configuração das cidades, certas dimensões do cultivar encontram lugares e poéticas em situações contemporâneas. Seus conteúdos, muitas vezes implícitos no cotidiano, seriam reconhecidos e nutridos pelos atos de caminhar e cultivar.

Uma “atenção à paisagem”, como a que defende Jean-Marc Besse (2018b), implica compreendê-la não como uma superfície inerte, mas uma condição em que nos vemos imersos e que nos toca profundamente, uma realidade cuja compreensão requer o exercício de dinâmicas atencionais especialmente voltadas à paisagem. Não refutamos aqui a transversalidade de disciplinas e temas hoje inerentes à formação de paisagistas, mas defendemos, como ponto de partida, a abordagem da paisagem como um efetivo exercício do



corpo e das linguagens poéticas. Longe de ser uma competência puramente técnica, a ideia de *atenção* envolve múltiplas dinâmicas e uma verdadeira “sabedoria ambiental” (CITTON, 2018), cujo desenvolvimento não se limita à transmissão de conceitos consagrados.

Ora, a atenção não pode ser reduzida à simples questão dos meios de obtê-la. Não se pode pretender sustentar um discurso axiologicamente neutro (desprovido de qualquer valor subjetivo) acerca da atenção, pela boa razão de que os processos atencionais estão indissociavelmente ligados aos nossos processos de valoração. [...] a atenção é individualizante na medida em que depende de uma dinâmica circular – círculo que pode tanto ser vicioso quanto virtuoso: eu valorizo aquilo a que presto atenção e presto atenção ao que eu valorizo. (CITTON, 2018, p. 36).

A passagem “da economia à *ecologia* da atenção” proposta por Yves Citton (2018) permite reconhecer uma inversão entre as lógicas estabelecidas no primeiro plano por aquelas que se estabeleceriam como um plano de fundo. O autor investiga, propriamente, a relevância da atenção a elementos frequentemente preteridos como modo de reconhecer novos aspectos do mundo. Se a compreensão da paisagem permaneceu reduzida, por muito tempo, à representação de cenários estanques, vazios de sentido a serem preenchidos pelas ações humanas, a atenção à paisagem hoje demandaria uma inversão de natureza semelhante, que permita aferir as qualidades dos planos de fundo, seus valores epistemológicos, éticos e estéticos. Cumpre deslocar, em outros termos, a dimensão dos horizontes para o primeiro plano das ações humanas e dos saberes sobre o mundo (BESSE, 2018b, p. 108). No que tange aos processos formativos em paisagismo e, mais amplamente, à valorização de uma atenção à paisagem, coloca-se a necessidade de reconhecer e realçar, no fundo fugidio dos horizontes, questões inerentes aos modos pelos quais habitamos a Terra, colocadas à reflexão crítica e ao fazer poético.

A construção codividida das subjetividades e das competências intelectuais demanda a presença simultânea de corpos atentos, que compartilhem de um mesmo espaço por meio de sintonias afetivas e cognitivas muitas vezes tácitas, porém decisivas. Desse contexto, é possível depreender o fundamento de uma qualidade singular da atenção, qual seja a dimensão do *cuidado*. Trata-se, mais uma vez, de um encontro *desvelado*, o que faz ampliar os sentidos de solidariedade e responsabilidade implicados na paisagem. Os processos de individuação demandam, além disso, certa desvinculação, crucial para que o desenvolvimento da atenção ocorra de modo conjunto, mas não indiferenciado. Se recorrermos ao paradoxo da “atenção flutuante”, como a praticada pelos psicanalistas, encontraremos um modo de entrada em conteúdos relevantes que se insinua à escuta de um enunciado (CITTON, 2018, p. 33).

A capacidade da atenção flutuante pode ser associada à condição sensível do ato de caminhar. Não por acaso, Yves Citton alude à atitude do *flâneur*, em que a suspensão do pensamento premeditado o tornaria amplamente disponível para o meio envolvente, colocando-o em efetiva presença das coisas por meio de um trabalho das sensações. O ato de caminhar, para além das intenções pragmáticas que o mobilizam, oportuniza o aparecimento do mundo em qualidades até então desconhecidas. Não se trata apenas de um deslocamento assumido em termos locais, mas de sentidos postos em atrito no espaço e no tempo. A atenção flutuante seria uma potência disfarçada de distração: como num passeio, quando a disponibilidade do corpo em deslocamento se oferece à curiosidade eventual, e assim faz aparecer aspectos da realidade



até então despercebidos. As experiências estéticas proporcionadas pela paisagem demandam esse tipo de atenção, que se faz como liberdade ao porvir.

Em última análise, a paisagem pode ser interpretada como uma composição de tonalidades afetivas que, para além da mera visualidade, veem-se associadas a sensações corpóreas diversas. Mesmo que não estejamos conscientes ou atentos a isso, a paisagem se compõe como uma interação sensível do ser no mundo. Contudo, a riqueza da experiência multissensorial envolvida na fruição paisagística pode ser mais ou menos intensa, podendo ser reduzida ou mesmo obliterada. Podemos associar diferentes fatores à discussão sobre o empobrecimento das experiências na contemporaneidade. Independentemente das razões, esse debate sinaliza uma perspectiva importante: a paisagem não é apenas um elemento de cultura visual, mas uma componente determinante da condição sensível, corpórea e afetiva da existência humana.

A formação de arquitetos paisagistas e, de modo mais amplo, os processos formativos sobre a paisagem implicam fundamentalmente a reflexão e o exercício de uma condição sensível cujo ponto de partida seria o envolvimento mútuo entre o corpo, a paisagem e linguagens poéticas. Tais processos nos levam a considerar a sensibilidade como uma condição essencial para a nossa experiência do mundo e das interações com os outros e com nós mesmos. Besse vai além, e propõe não apenas posicionar a paisagem no rol das coisas comuns, mas justamente reconhecê-la como uma modalidade de experiência de um mundo comum,

não no sentido estritamente humano, no sentido de um mundo comum estritamente político (o que seria muito discutível), mas antes no sentido da tomada de consciência quase física de que nós, enquanto seres humanos, aparecemos e vivemos no meio de um mundo que não é totalmente humano. É o mundo comum dos humanos e do não-humano: a terra, o solo, os embasamentos, que convidam a um pensamento alargado, que convidam ao pensamento de um mundo alargado, aquele do entrelaçamento entre humanos e não-humanos. A paisagem, como experiência, choque, evento do horizonte é também o encontro do mundo comum dos humanos e dos não-humanos (BESSE, 2018a, p.70-71).

Os exercícios considerados na elaboração deste texto partiram do pressuposto de que a compreensão da paisagem se faz refratária a perspectivas estritamente objetivas, dados quantitativos ou locais. Toda paisagem, neste prisma, corresponde a uma disposição do espírito, àquilo que se apresenta como um terceiro na lógica binomial de sujeito e objeto. Não se trata, portanto, de um corte esotérico na subjetividade, mas das emanções conjuntas de sujeitos e objetos, “imprescindíveis para a constituição de vínculos ou elos associativos e comunicativos entre as mais diversas aparências” (HENNRICH, 2020, p. 5). Mais uma vez, a compreensão da paisagem fomenta modos de ensino-aprendizagem baseados não apenas na leitura e aplicação de saberes consagrados, mas voltados, fundamentalmente, à tentativa de exprimi-la e apreendê-la, numa educação que ali se envolva corpo a corpo, implicando a reflexão sobre o gesto e o olhar, por variados que sejam os meios de expressão, em assumido distúrbio a lógicas prosaicas da linguagem, portanto poéticas (PAZ, 2012).

2.1 Lições pelo corpo

As concepções de cuidado e cultivo, seja em iniciativas individuais de moradores, seja na ação de coletivos urbanos envolvidos, por exemplo, em hortas e jardins comunitários (figura 1), hoje atingem de maneira mais abrangente o pensamento e as práticas que se voltam à paisagem. O

gesto ancestral de lavrar a terra, plantar e coexistir com a sua temporalidade, com o intuito de respeitá-la, pode encontrar lugar no meio urbano, apesar de evidências contrárias. Espaços residuais de variadas formas e dimensões, decorrentes dos processos de urbanização, oportunizam maneiras de uso e frequência que, por mais variadas que sejam, teriam em comum o intuito de *cultivar* zelosamente. Em suas origens latinas, essa palavra deriva de cultura, e seus significados hoje se aproximam às noções de cuidar e coexistir. Analogamente, o gesto desse cultivo, mesmo em situações aparentemente improváveis, alude à possibilidade de inferir, aprender e ensinar *com* diferentes modos de vida, humanos e não humanos.

Figura 1: Jardim Comunitário General Jardim (São Paulo, SP)



Fonte: O autor, 2023.

Realizada no âmbito do Colóquio Internacional Imaginário: Construir e Habitar a Terra – ICHT 2023), a oficina “Jardins contemporâneos: cultivar sobras urbanas”² propôs o reconhecimento dessas possibilidades na região central da cidade de São Paulo e, na sequência, uma ação concreta de plantio. Aberta a estudantes de graduação e pós e demais interessados, a atividade teve início com um percurso pelos arredores do Senac Consolação, onde sediou-se o colóquio. Após alguns instantes de permanência na Praça Rotary, a descida à Rua Amaral Gurgel desperta a atenção do grupo: uma área vegetada esguia se estende rente à esquina seguinte. A travessia à sombra do Minhocão faz revelar um pequeno canteiro povoado por singônios (*Syngonium podophyllum*), íris (*Iris sp.*) e pés de boldo (*Peumus boldus*), entre outras plantas sutilmente protegidas por um alambrado baixo. Trata-se do recuo lateral de um galpão, que permaneceu fechado por gradis até poucos anos atrás, com a tentativa ineficaz de conter o descarte irregular de entulho. A sinalização de proibição deu lugar a placas que convidam o transeunte ao plantio no Jardim Comunitário General Jardim. Por mínima que seja a nesga de terra afeiçoada por

² Realizada entre os dias 30 de outubro e 01 de novembro de 2023, a oficina foi coordenada por Arthur Simões Caetano Cabral, Luciano Gutierrez Pessoa e Vladimir Bartalini.



moradores do entorno – o que se realça pela proximidade com as estruturas corpulentas do Elevado Presidente João Goulart, a poucos metros –, pode-se reconhecer ali aspectos de uma especial relação de cultivo.

Sem definição prévia de itinerário (figura 2), o grupo percorreu ruas e áreas verdes públicas³ do entorno a fim de detectar em bairros densamente urbanizados fenômenos frequentemente despercebidos no cotidiano, mas potencialmente alusivos aos sentidos da paisagem. Assumindo que tais sentidos se oferecem à experiência do corpo, como discutimos anteriormente, a realização do percurso permitiu reconhecer na paisagem uma experiência polissensorial: no cansaço da caminhada e na disponibilização dos sentidos em contato direto com o meio, ela articula uma presença refratária aos esforços de formatação a que é submetida, ao mesmo tempo em que aparece como resistência aos sistemas “anestésicos” que caracterizam o mundo contemporâneo (BESSE, 2018b, p. 106). Enquanto *exposição* do corpo e do eu integral, a prática do caminhar como procurou-se realizar nessa oficina adquire um significado material propriamente afetivo, na medida em que envolve uma capacidade de relação sensível com o mundo e com os outros, apresentando conteúdos relevantes a processos formativos sobre a paisagem. A condição de “estar exposto” durante o caminhar nos leva a compreender que

o corpo vivo, sensível, atingido, é o receptáculo e o ponto de ativação das espacialidades e temporalidades paisagísticas. É pelo nosso próprio corpo, sob as diferentes paisagens, que habitamos o mundo. A paisagem é uma geografia sensível, afetiva, uma geografia alimentada dos contatos físicos e sensíveis com o mundo e com os outros, e pode-se pensar que essa geografia vivida o mais próximo possível das lições do corpo antecede as geografias acadêmicas e as repartições “objetivas” do espaço geográfico. Ela traduz sobretudo uma familiaridade e uma conversa cotidiana com a paisagem, ou seja, é uma maneira de conversar fisicamente com suas texturas, suas direções, seus ritmos, sua solidez e suas zonas frágeis, e ecoá-las (BESSE, 2018b, p. 106).

³ Afora a detecção de iniciativas pontuais de cultivo, foram reconhecidos resultados de processos de mobilização da sociedade em prol da preservação de áreas verdes públicas, notadamente no caso do Parque Augusta, também visitado no percurso. Encerrando uma disputa de anos pelas construtoras que detinham sua posse, a área do antigo Colégio Des Oiseaux foi transferida à prefeitura em abril de 2019. O histórico de luta do movimento “Parque Augusta 100% Público”, em articulação com o Ministério Público e diversos setores da sociedade civil, resultou na inauguração desse parque municipal em novembro de 2021.



Figura 2: Percurso resultante da oficina “Jardins Contemporâneos: Cultivar Sobras Urbanas”



Fonte: Google Earth (acesso em 30. out. 2023), editada pelo autor.

Ao longo do percurso, os participantes observaram também a ocorrência subespontânea da vegetação ruderal, recorrente em sobras urbanas. Essa observação permitiu o cotejamento entre ações mobilizadas pela vontade de cultivar, de um lado, e formas de vida que ocorrem fortuitamente, sugerindo novas perspectivas de cultivo, de outro. Trata-se de um extenso rol de espécies dotadas de sofisticados mecanismos de adaptabilidade, capazes de sobreviver em ambientes fortemente perturbados, onde passam a proporcionar ocasiões favoráveis à ocorrência de espécies mais exigentes. Embora ocupem no imaginário urbano um lugar associado à designação genérica, e comumente depreciativa, de “mato”, as espécies ruderais apresentam em situações residuais do meio urbano valores de persistência, vigor e renovação constante das táticas de sobrevivência. Porque as plantas são também fazedoras de mundo, segundo Emanuele Coccia (2018, p. 47), aposta-se na hipótese de que elas favorecem o aprendizado no seu sentido mais amplo. Constatar e acompanhar no dia a dia os modos de vida dessas plantas e os consórcios que estabelecem com outros seres permite não apenas revigorar o repertório botânico e de associações florísticas, mas, fundamentalmente, propiciar novos modos de considerar suas dinâmicas em práticas de gestão e processos de ensino-aprendizagem em paisagismo.

A atividade acompanhou o registro por desenhos rápidos, fotografias e a realização de coletas botânicas, incorporadas de modo experimental na ação de plantio realizada no dia seguinte. Se recorrermos aos termos de Gilles Clément, veremos que as plantas ruderais “são pouco apreciadas, não por não serem consideradas belas, mas porque elas sempre estão onde não se espera” (CLÉMENT, 2017, p. 103). Neste ponto, em particular, o lugar comum dos imaginários

mais frequentes oferece brechas a outras imagens, que aludem à insistência vegetal de brotos que ressurgem, dias depois de arrancados, que ensina a fazer mundos com suas táticas surpreendentes (figura 3). A profusão de arranjos que proporcionam, em constante transformação, resulta da interação entre elementos naturais os mais diversos, nos quais se veem implicados desde o sopro dos ventos ao fluxo incessante de cursos d'água (ainda que canalizados ou restritos a vestígios em meio à trama urbana), da circulação de esporos à germinação de sementes que transitam, invisíveis, pela atmosfera das cidades.

Figura 3: Beldroega (*Talinum paniculatum*) em fresta de mureta na Praça Roosevelt (São Paulo, SP)



Fonte: O autor, 2023.

2.2 Uma ação experimental de plantio

A oficina “Jardins contemporâneos: cultivar sobras urbanas” teve prosseguimento no dia 31 de outubro de 2023 com uma ação de plantio realizada nos espaços externos do Atelier de Escultura e Pesquisa da Forma Caetano Fraccaroli⁴, na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira. Integrando o escopo de uma pesquisa de pós-doutorado em andamento junto à Faculdade de Educação da USP, a atividade deu início à concepção de um jardim experimental de plantas ruderais, disponível a práticas de ensino, extensão e ao desenvolvimento de pesquisas correlatas à paisagem.

Para tanto, a noção de jardim foi compreendida, entre acepções diversas, não como um produto inteiramente finalizado ou um repositório estático de formas previamente concebidas, mas, ao

⁴ O laboratório didático acolhe atividades de pesquisa, grupos de estudo, ações de extensão universitária e aulas do curso de graduação e pós-graduação da FAUUSP, assim como encontros acadêmicos do LABPARC (Laboratório Paisagem, Arte e Cultura), RELAB (Laboratório de Representações da FAUUSP) e RITe (Grupo de Pesquisa CNPq ‘Representações: Imaginário e Tecnologia’).

contrário, como obra cuja existência pressupõe um constante processo de transformações, cultivações e reinterpretações. Sob essa perspectiva, a concepção de um jardim aberto a processos formativos sobre a paisagem (figura 4) se mostra indissociável da observação dos modos de ser do vegetal e das interações que estabelece com o meio. Cultivar esse jardim significa estudá-lo continuamente, a fim de aprendermos modos de favorecer e orientar o seu desenvolvimento ao longo do tempo. Se “cada observação traz consigo uma ação”, essa proposta assume que “o jardim é o laboratório de relações homem-terra, onde o jardineiro, depois de estudá-las, colabora com o poder de invenção da natureza” (CLÉMENT, 2005, p. 70).

Figura 4: Semeadura experimental realizada nos espaços externos do Atelier de Escultura e Pesquisa da Forma Caetano Fraccaroli (FAUUSP)



Fonte: Carolina Ribeiro Simon, 2023.

Afora as mudas coletadas no dia anterior, foram fornecidas aos participantes sementes de espécies leguminosas de ocorrência subespontânea frequente em bordas de Mata Atlântica e campos cerrados – com base em levantamentos de campo previamente analisados na pesquisa –, acompanhadas de fotografias apresentando as características fisionômicas de cada uma delas. Essa especificação teve o intuito não apenas de introduzir plantas ainda pouco reconhecidas em paisagismo, como de favorecer a ocorrência de um número maior de espécies ruderais, mediante a retenção de nutrientes no solo e atração de polinizadores. A área de plantio foi definida em comum acordo com os participantes, assim como os critérios gerais para a distribuição das sementes. Após o preparo do solo com uma fina camada de composto orgânico, realizou-se a semeadura a lanço, considerando punhados de mescla entre diferentes espécies. Por fim, a ação foi registrada em desenhos e fotografias, que acompanharão o estudo e o cultivo do jardim nos meses subsequentes.

Trata-se de observar antes de agir; contemplar e compreender os hábitos de cada ser a fim de definir e orientar cada gesto. Em outras palavras, o ato de cuidar se coloca como termo comum entre as noções de jardim e educação na medida em que oferece abertura “à aprendizagem sobre as espécies, à observação de seu comportamento, à antecipação de uma gestão oriunda



desses conhecimentos. [...] O jardim é um observatório do tempo” (CLÉMENT, 2004, p. 94). Cumpra assumir, para tanto, a possibilidade de cultivar, aprender e criar cotidianamente com as plantas, no sentido de um fazer experimental. Por meio de práticas potencialmente associados ao ensino e à pesquisa, tais condições se apresentam com excepcional interesse nos espaços livres de um laboratório didático de um campus universitário, como é o caso do Atelier Fraccaroli, da FAUUSP. Consideramos, como desdobramentos possíveis, a participação dos moradores do entorno, especialmente em escolas de ensino fundamental e médio da comunidade São Remo.

Embora as ações humanas se desconcertem comumente em suas interações com o não humano no meio urbano contemporâneo, a ocorrência da vegetação ruderal em espaços indesejados das cidades nos convida a vivenciar e a participar de outros consórcios pelos quais a vida é tecida. Referimo-nos, especialmente, àquilo que poderíamos aprender e ensinar por meio da articulação imediata entre a experiência sensível e o fazer conjunto *com* a paisagem. Sob o ponto de vista da formação, as atividades a serem desenvolvidas em um jardim experimental favorecem não apenas possibilidades de articulação entre perspectivas relacionadas às artes, à botânica e ao fazer projetual, entre outras áreas implicadas na compreensão da paisagem, como de ampliação de conhecimentos, técnicas e poéticas.

As experiências estéticas que a paisagem articula confirmam a necessidade de priorizar “aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana” (DUARTE JUNIOR, 2004, p. 136). Nesse sentido, as atividades realizadas na oficina “Jardins contemporâneos: cultivar sobras urbanas” e as práticas de ensino-aprendizagem a serem realizadas em jardins experimentais podem se orientar, epistemologicamente, pelos estudos sobre arte-educação desenvolvidos por João Francisco Duarte Júnior (1983) e pela Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa, que desde 1991 mobiliza teorias, práticas e pesquisas em prol de melhorias no ensino da arte, visando compreendê-la em seus processos e associando-os a uma aprendizagem significativa.

Em linhas gerais, essas perspectivas assumem que, para além da transmissão dos conhecimentos de uma técnica artística, arte-educação, “antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma das suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo em volta de cada um de nós” (DUARTE JUNIOR, 1983, p. 14). Opondo-se diametralmente ao emprego de respostas pré-formatadas ou fórmulas decorativas – a que corresponderiam, ainda hoje, as preocupações convencionais do ensino em diferentes níveis de formação –, Duarte Júnior reconhece valores de uma verdadeira aprendizagem nos processos de desenvolvimento em prol de uma “consciência estética”.

Na culminação do fazer projetual em ateliers de Arquitetura da Paisagem, pressupomos que os processos de formação à paisagem não podem se limitar à transmissão vertical de saberes, pois requerem o contato integral com horizontes incertos. Com a responsabilidade devida, cumpriria assumi-los em exercícios de apreensão sensível, compreensão e questionamento dos modos de vida contemporâneos. Abordaríamos, assim, aspectos fundamentais dos desafios que se colocam ao ensino de paisagismo na contemporaneidade, ao menos se assumirmos, de partida, a necessidade de indagações sobre a paisagem, na amplitude de acepções a que o termo se oferece, e considerando os laços pelos quais nela se vinculam inextricavelmente o fazer humano à natureza da Terra.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das considerações sobre a relevância da experiência estética na formação de paisagens, podemos reconhecê-la fundamentalmente como uma condição de exposição do corpo aos sentidos do mundo, um evento, um instante em que a atenção comum é extraviada ou posta em flutuação. Há um movimento complementar e igualmente relevante a processos de ensino-aprendizagem dirigidos à paisagem que consiste na possibilidade de exprimir ou *enunciar* essa experiência. Como vimos, a fruição paisagística diz respeito a um coenvolvimento sensível em atmosferas, isto é, situações em que não nos vemos diante de componentes objetivamente representáveis. Mutuamente diluídos com as dimensões subjetivas do ser em estado de paisagem, esses elementos se definem antes como tonalidades afetivas fugidias.

Parece-nos então apropriado dizer que, para além de aspectos locacionais ou dados objetivos – aos quais só teríamos acesso num esforço de abstração da própria experiência –, caberia a um olhar poético reportar-se à paisagem como quem persegue o “rastros de uma indeterminação, de uma infância que persiste mesmo na idade adulta” (LYOTARD, 1990, p. 11) a fim de prestar-lhe o testemunho, embora ciente de que permanecerá inevitavelmente em dívida. Não se trata de uma dimensão acessória às questões técnicas, tampouco um “toque de acabamento” que se adicionaria para suavizar asperezas. Cabe ao fazer poético, ao contrário, assumir o inacabamento, assimilar aquilo que parece escapar à ordem da conceituação estrita e tornar exprimiáveis as modalidades de conhecimento a que temos acesso nas experiências estéticas.

Tal como a percepção comum, a imagem poética reproduz a pluralidade da realidade e, ao mesmo tempo, lhe dá unidade [...]. Todas as nossas versões do real – silogismos, descrições, fórmulas científicas, comentários de ordem prática etc. – não recriam aquilo que tentam expressar. Limitam-se a representar ou descrever. [A imagem, ao contrário] recria, revive a nossa experiência do real. Não é necessário assinalar que essas ressurreições não são apenas as da nossa experiência cotidiana, mas também as da nossa vida mais obscura e remota. O poema nos faz lembrar o que esquecemos: o que somos realmente. (PAZ, 2012, p.114-115)

Nas atividades relatadas neste texto, assim como em práticas paisagísticas de diferentes naturezas, a serem desempenhadas dentro e fora do atelier, tratamos de horizontes inconclusos. De modo mais preciso, investigamos possibilidades de apreensão do real que envolvem a um só tempo fechamento e abertura, descoberta e resguardo. Embora a paisagem e o poema envolvam matérias e linguagens distintas, ambos remetem à permanência comum em um inapropriável. Acrescentaríamos as contribuições do uso do corpo em exercícios paisagísticos e as experiências sensíveis daí advindas a processos de formação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos**. São Paulo: Boitempo, 2017.

ALMEIDA, Rogério de; ARAÚJO, Alberto Filipe de. A transcrição do mundo pela experiência: esboço para uma educação estética. **Eccos** - Revista Científica, São Paulo, n. 53, p. 1-18, e16676, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n53.16676>.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.



BARTALINI, Vladimir. Notas sobre paisagem e ensino de paisagismo. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], v. 30, n. 43, 2019.

BESSE, Jean-Marc. Il paesaggio dei beni comuni: luoghi, pratiche, concetti. In PANZINI, Franco (org.) **Prati urbani**. I prati coletivi nel paesaggio della città. Treviso: Fondazione Benetton Studi Ricerche: 2018a.

_____. **La nécessité du paysage**. Marselha: Editions Parenthèses, 2018b.

BÖHME, Gernot. **Atmosfere, estasi, messe in scena**. L'estetica come teoria generale dela percezione. Milano: Christian Marinotti Edizioni, 2010.

CLÉMENT, Gilles. **La sagesse du jardinier**. Paris: JC Béhar, 2004.

_____. **Le jardin en mouvement**. Paris: Sens&Tonka, 2017.

_____. **Manifesto del Terzo paesaggio**. Macerata: Quodlibet, 2005.

CITTON, Yves. Da economia à ecologia da atenção. **Ayvu**, Revista de Psicologia, v. 05, n. 01, p. 13-41, 2018.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar edições, 2004.

_____. **Por que arte-educação?** Campinas: Papyrus Editora, 1983.

HENNRICH, Dirk Michael. Sobre a criação e a destruição das atmosferas na modernidade. In. BARTALINI, Vladimir; CABRAL, Arthur Simões Caetano; HENNRICH, Dirk Michael Henrich (Org.) **Atmosfera, Stimmung, Aura**: Nos interstícios da filosofia, paisagem e política, Lisboa: CFUL, Lisboa, 2020.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano**: considerações sobre o tempo. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

PANZINI, Franco (org.) **Prati urbani**. I prati coletivi nel paesaggio della città. Treviso: Fondazione Benetton Studi Ricerche: 2018.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. O poema. A revelação poética. Poesia e história. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

SIMMEL, Georg. Filosofia da paisagem. In: SERRÃO, Adriana Veríssimo (Org.). **Filosofia da Paisagem**. Uma Antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.